

THE OMENS OF DEATH: UMA ANÁLISE DO MITO (AUTO)IDENTITÁRIO NOS ÁLBUNS DE HEAVY METAL DE SIR CHRISTOPHER LEE (2010-2013)

GREGORY RAMOS OLIVEIRA¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – gramosoliv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A Idade Média serviu, desde o seu “fim” no século XV, como pretexto para a criação de diversas versões imaginadas daquele período que seria doravante relegado pelos iluministas aos arquétipos obscurantistas da *Dark Ages* do fanatismo religioso, das guerras infundáveis, dos saques dos “bárbaros” e *vikings*, da fome e da Peste Negra. Outras versões, dos românticos, iriam ser caracterizadas pela valorização e nostalgia de uma era de virtudes priscas, do amor cortês, da fé heróica dos templários e dos grandes feitos de caval(h)eiros da Távola Redonda às fronteiras ibéricas da Cristandade. Ambas as versões, apesar de contestadas por correntes mais maduras da historiografia, iriam ter tamanha impressão na produção cultural do Ocidente (e periferia, quando se tratando do continente americano), que mesmo no séculos XX e XXI, iriam ser o tema de diversas recepções. Da Alta Fantasia de J.R.R. Tolkien aos jogos eletrônicos como *Skyrim* e *The Witcher*, de séries como *Game of Thrones* e *The Last Kingdom* à álbuns de *heavy metal* exaltando uma “tradição medieval” a ser cultuada, misturam-se os elementos do medievo wagneriano com temáticas contemporâneas, que dizem mais sobre o contexto presente do que sobre a Idade Média em si.

O presente trabalho constitui uma análise de um exemplo de recepção que parte da busca por traçar os elementos que levaram à criação de tais objetos a serem analisados. Os álbuns de *symphonic*, *power* e *heavy metal* compostos pelo ator Sir Christopher Lee são exemplos que, ao mesmo tempo fazem parte do panteão de Mediegos “Metálicos”, representam um singular exemplo da tentativa, da parte do idealizador do projeto *Charlemagne*, de buscar um fundo “histórico” ao invés de simplesmente “fantástico” ou, em última instância, “mercantilizável”.

Compostos entre 2010 e 2013, os álbuns *Charlemagne: By the Sword and the Cross* e *Charlemagne: The Omens of Death* narram episódios da trajetória do Rei dos Francos e Imperador da França. Lee refere-se ao primeiro *Imperator et Augustus* no outrora Ocidente Romano como sendo mais do que uma figura histórica distanciada da contemporaneidade por mais de doze séculos. Christopher Lee acreditava ser descendente direto de Carlos Magno.

Tendo conhecimento de tais detalhes é possível argumentar que seria esse o motivo para que Christopher Lee houvesse decidido produzir tais álbuns. Mas haveria outros antecedentes na trajetória do ator que teriam influenciado uma espécie de mito identitário individual – o que chamo de mito auto-identitário – que teria feito Lee acreditar ser parte de uma Idade Média que distingue-se da idealizada por românticos ou renegada por iluministas?

Este trabalho tem por objetivo, por meio da análise da trajetória de Christopher Lee e da “historicidade” das letras do segundo álbum (*The Omens of Death*), buscar identificar e conceituar tal mito. Haurido por conceitos desenvolvidos por autores como Patrick Geary (2005), Umberto Eco (2010),

Stuart Hall (2006) e outros, buscarei uma breve análise da problemática apresentada previamente.

2. METODOLOGIA

Irei abordar neste trabalho fontes primárias documentais, realizando uma análise comparativa com o intuito de traçar os elementos discursivos que apontariam a formação de um mito (auto)identitário como sendo o possível responsável pela criação da recepção apresentada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O seguinte trabalho faz parte do projeto de pesquisa de minha orientadora, intitulado “Releituras do Medievo: A recepção da Idade Média (*Mittelalterrezeption*) do século XIX ao XXI”, no qual trabalho diferentes recepções da figura do Imperador Carlos Magno. Enquanto meu primeiro trabalho da seguinte pesquisa buscou traçar os elementos formadores da construção da autoridade de Carlos Magno segundo a composição de Einhard (OLIVEIRA, 2019), a partir do segundo trabalho busquei a análise de recepções *per se*. No presente trabalho, consolidado no último semestre, analisei a trajetória de Sir Christopher Lee paralela ao Medievo da cultura *pop* dos séculos XX-XXI.

Christopher Frank Carandini Lee (1922-2015) acreditava ser descendente direto de Carlos Magno, por meio da suposta ligação que a família Carandini possuía com o Imperador dos Francos. Em algumas entrevistas, o ator teria compartilhado o “mito familiar” de que a águia negra na heráldica da Casa Carandini/Risi foi resultado do reconhecimento do Imperador Frederico I Barbarossa de que tal ligação hereditária existia. Entretanto, segundo apontam as estatísticas de Adam Rutherford, não somente Christopher Lee seria descendente daquele que era conhecido como o *Vater Europas*, mas também todos os europeus e euro-descendentes atualmente vivos (RUTHERFORD, 2016, p.66-67). Contudo, somente a águia negra teria sido responsável pela associação entre Lee e Carlos Magno. Procurei buscar outros traços que possivelmente encaminharam o ator para o projeto musical *Charlemagne*. Sua carreira na sétima arte apresenta claros sintomas da gênese de um provável mito identitário individual.

Em 1958 Christopher Lee seria personagem de uma influente recepção do Medievo, *Ivanhoe*, adaptação televisiva da obra literária homônima de Walter Scott. Contracenando com Roger Moore, Lee foi o mercenário Otto from the Rhine, contratado pelo antagonista Sir Waldermar (Terence Longdon) para derrotar o virtuoso cavaleiro Sir Wilfred of Ivanhoe (Roger Moore). O episódio de pouco mais de trinta minutos apresenta um enredo simples, com os arquétipos que se associaram desde o romantismo com o Medievo (o cavaleiro virtuoso defende os oprimidos ante o opressor), cujo clímax ocorre no duelo entre Ivanhoe e Otto, com vitória do primeiro e “conversão” ao lado dos justos do mercenário.

Várias décadas mais tarde, numa entrevista para o *Telegraph* (2015), Christopher teria dito que sempre encenou suas cenas de luta com a espada. Sendo tal sentença verdadeira, uma das primeiras (mas não última) cenas dessa natureza ocorreu no referido episódio de *Ivanhoe*.

A amálgama entre Lee e Idade Média não se restringe à tal participação, intensificando-se principalmente no final do século XX e princípio do século XXI. Christopher afastou-se da aura ligada ao Drácula da *Hammer Films*, sua personagem mais recorrente, para encarnar personagens ligadas à Alta Fantasia, principalmente por meio das adaptações cinematográficas de Peter Jackson dos

livros de J.R.R. Tolkien, *The Lord of the Rings* e *The Hobbit*. Em cinco dos seis longas, Christopher Lee foi o emblemático mago Saruman, principal antagonista do segundo filme da trilogia inicial (*The Two Towers*). Paralelamente, o mundo do *metal* sonda Christopher Lee para participações em faixas de áudio, com destaque para o grupo *Rhapsody*, cujos álbuns possuem a temática do Medievo da *High Fantasy*, com elementos que a cultura popular prontamente assume como sendo parte do contexto medieval (dragões, fadas, espadas e feiticeiros). Seria a soma de tais influências a responsável pela produção do primeiro e segundo álbum do projeto *Charlemagne*.

Os dois álbuns retratam, com gêneros musicais distintos (*symphonic* e *heavy metal*), a trajetória de Carlos Magno. As faixas apresentam, em formato semelhante à uma ópera, as últimas reflexões de Carlos Magno (Christopher Lee) sobre os grandes eventos de sua vida, o que no segundo álbum, o Imperador teria chamado de “Presságios de Morte”: A conquista da Lombardia (Faixa 4), o Massacre de Verden (Faixa 6) e a Batalha de Roncevaux (Faixa 8). Enquanto *By the Sword and the Cross* é composto por tais faixas e por outras faixas intermediárias, que servem de pré-lúdio entre os “Acts”, no segundo álbum, foco deste trabalho, as faixas descritivas tornam-se foco ainda mais preponderante de *The Omens of Death*, com destaque para a faixa *Iberia*, que no segundo álbum ganha mais duas sequências, além de seu *remix*, *The Betrayal (The Devil's Advocate e The Ultimate Sacrifice)*.

Diferente de outras recepções anteriores, Christopher Lee coloca Carlos Magno na posição de confessor daquilo que foi celebrado por diversas fontes, desde seu conselheiro Einhard, como grandes feitos. Um exemplo paradigmático está na descrição da Batalha de Roncevaux (778), sua mais significativa derrota. De acordo com a historiografia (DAVIS, 1899; FAVIER, 2004; LEWIS, 2010; WILSON, 2007), a Campanha Espanhola sofreu um revés significativo no desfiladeiro que ligava a Gascônia ao norte da Hispânia. A retaguarda franca foi obliterada por um ataque dos bascos católicos em represália à destruição de Pamplona. A batalha foi minimizada por Einhard, em *Vita Karoli Magni* (aprox. 820) e, a partir do épico “proto-nacional” *La Chanson de Roland* (séc.XI-XII), os bascos cristãos foram substituídos pelos “sarracenos”, numa batalha de ares apocalípticos seguida de uma revanche franca e conversão dos derrotados muçulmanos. Contrariando a versão outrora comum do confronto, Lee retrata nas três faixas uma épica batalha dos “doze pares” contra bascos “demoníacos”, combinando traços da *Chanson* com o que ele acreditava ser a “história verdadeira”, substituindo os “sarracenos” de Roncevaux pelos inimigos que estão nas fontes primárias do século VIII-IX.

A busca por certa “historicidade”, também presente nos versos descritivos presentes em diversas faixas, que ecoam os textos de Einhard, também reflete a necessidade que Lee via em representar de forma “real” aquele distante “ancestral”. Se para o *Metal Knight* o Medievo não estava distante, a audiência deveria ter conhecimento da dimensão histórico-mítica do conhecido Imperador da França. Tal ímpeto poderia constituir o que considero como um mito identitário que, diferente do “padrão”, não busca justificar no passado de um povo ou nação o mérito de tais comunidades imaginadas contemporâneas, mas tal construção ideológica se restringe somente a um indivíduo, o próprio produtor da recepção.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho apresenta um contexto que pode tornar o estudo dos mitos identitários ainda mais preponderante, uma vez que é possível identificar

numa dimensão individual, não somente coletiva, como a maneira de encarar elementos isolados (heráldica, reproduções midiáticas, etc.) constitui também um fator que gera, de forma extrínseca, a lente com a qual um indivíduo se identifica dentro de uma realidade atemporal, que combina elementos de uma ancestralidade remota com a trajetória pessoal contemporânea. A construção do mito auto-identitário se trata da representação prática de como tentamos nos construir a partir de um passado histórico e/ou imaginado, não somente enquanto coletividades, mas enquanto indivíduos.

Dada a interdisciplinaridade necessária, a conceituação absoluta de tal forma de mito identitário não será obtida apenas com o presente trabalho, mas o princípio do entendimento necessário para tal pode ser identificado no exemplo da trajetória de Christopher Lee e dos álbuns do projeto *Charlemagne*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, H.W. Carless. **Charlemagne (Charles the Great)**: The Hero of Two Nations. New York: The Knickerbocker Press, 1899.

EINHARD. **Vida de Carlos Magno (c. 817-829)**. Tradução de Luciano Vianna e Cassandra Moutinho. 2014. Disponível em: <https://compartilhandohistoria.files.wordpress.com/2015/11/vida-de-carlos-magno-c-817-829_-histc3b3ria-medieval-prof-dr.pdf>. Acesso em 5 de setembro de 2019.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LEWIS, David L. **O Islã e a formação da Europa**: de 570 a 1215. Traduzido por Ana Ban. Barueri: Amarilys, 2010.

OLIVEIRA, Gregory. Vita Karoli Magni: A construção de um *Basileus* Ocidental e Imperador Cristão. In: BASILIO, A. B. et. al (Org.)**Pesquisa em Ciências Humanas**: caminhos trabalhados na graduação. Pelotas: BasiBooks, 2019, p.182-193.

RUTHERFORD, Adam. **A Brief History of Everyone who Ever Lived**: The Stories of Our Genes. Great Britain: Weidelfield & Nicolson, 2016.

TELEGRAPH. Interview: Christopher Lee. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/culture/film/baftas/8316999/Interview-Christopher-Lee.html>>. Acesso em 2 de jul. de 2019.

The Song of Roland. Tradução de Jessie Crosland. Cambridge: In Parenthesis Publications, 1999.

WILSON, Derek. **Charlemagne: A Biography**. New York: Vintage Books, 2007.